

confissões de uma
quarentona na m*rda
alexandra potter

Tradução de Susana Clara

Para todos aqueles que já se riram perante todas as dificuldades.

As mulheres que eu amo e admiro pela sua força e graça não são assim porque as merdas correram bem. São assim porque as merdas correram mal e elas lidaram com elas. Lidaram com elas de mil maneiras diferentes, em mil dias diferentes, mas lidaram com elas. Essas mulheres são as minhas super-heroínas.

ELIZABETH GILBERT

#

Prólogo

*Olá e bem-vindas às Confissões de Uma Quarentona na M*rda, o podcast para qualquer mulher que se pergunta como diabos chegou aqui, e porque é que a vida não é exatamente como imaginou que seria.*

É para todas as que já analisaram as suas vidas e pensaram que isto não fazia parte do Plano. Para quem já sentiu que errou, ou não aproveitou uma oportunidade, e ainda está a tentar, desesperadamente, perceber o que se passa enquanto toda a gente ao seu redor se dedica a fazer brownies sem glúten.

Mas primeiro um aviso: eu não pretendo ser uma especialista em alguma coisa. Não sou uma guru de lifestyle, ou uma influencer, seja lá o que isso for, e não estou aqui para vender uma marca. Nem para arrasar um produto. Nem para vos dizer o que é que devem fazer, porque, francamente, eu também não faço a mínima ideia. Eu sou apenas alguém que luta para reconhecer a sua vida confusa num mundo de vidas perfeitas no Instagram e que se sente, ligeiramente, uma merda. Pior ainda, uma merda de quarenta e tal anos. Sou alguém que lê uma frase inspiradora e que se sente exausta e não inspirada. Alguém que não está a tentar alcançar novos objetivos, ou abraçar mais desafios, porque a vida já é um grande desafio. E alguém que não se sente #abençoada e #avencernavida mas principalmente #nãofaçoideiadoqueroaioestouafazer e #possopesquisarnogoogle?

Foi por isso que comecei este podcast... para dizer as coisas como elas são, pelo menos para mim. Porque as Confissões são um programa sobre as provações e atribulações diárias de como é encontrarmo-nos no lado errado dos quarenta anos, apenas para descobrirmos que as coisas não aconteceram como esperávamos. É sobre o que sucede quando as merdas acontecem e ainda ser capaz de rir perante tudo. É sobre ser honesto e dizer a verdade. É sobre amizade, amor e dissabores. É sobre fazer as perguntas importantes e não obter nenhuma das respostas. É sobre começar de novo, quando pensávamos que já tínhamos acabado.

Nestes episódios, que assumirão a forma de confissões, vou partilhar convosco todas as partes, as tristes e as engraçadas. Vou falar sobre sentirmo-nos imperfeitas, confusas, solitárias e assustadas, sobre encontrar esperança e alegria nos locais mais improváveis, e sobre como nenhuma resma de livros de receitas de celebridades e abacates esmagados nos vão salvar.

Porque sentirmo-nos uma merda não quer dizer que sejamos um fracasso, é sobre fazerem-nos sentir que o somos. É a pressão e o pânico para cumprir todos os requisitos e alcançar todos os objetivos... e o que é que acontece quando não o fazemos. Quando nos encontramos à margem. Porque de alguma forma, em algum aspeto da nossa vida, é muito fácil sentir que estamos a falhar quando toda a gente ao nosso redor aparenta estar a ser bem-sucedida.

Por isso, se houver por aí alguém que também sinta algo assim, espero que este podcast a possa fazer sentir-se um pouco menos sozinha.

Porque agora somos duas. E duas de nós fazem uma tribo.

JANEIRO

#queroioéqueestouafazercomaminhavidã

#

Dia de Ano Novo

Como raio é que cheguei aqui?

Não *aqui*, aqui, a janeiro, um mês enorme, cinzento e melancólico, que parece durar uma eternidade, repleto de deprimentes «segundas-feiras tristes», tentativas de resolução falhadas, e um Instagram a transbordar de celebridades a fazerem um grande alarde sobre «Ano Novo! Novos Projetos Emocionantes!» — o que não me faz sentir #inspirada nem com vontade de comprar o vídeo de exercícios deles ou o Livro de Jactância (desculpem, queria dizer Bem-aventurança), mas tem o efeito oposto de me fazer colapsar, novamente, no sofá, a sentir-me #assoberbada, com um pacote de aperitivos de queijo de tamanho familiar.

Não, estou a referir-me aqui, no facto de o meu aniversário ser em breve, estar prestes a tornar-me uma *quarentona*, e não ser exatamente o que imaginara. Quero dizer, como é que isto aconteceu? É como se tivesse falhado uma curva algures. Como se houvesse um caminho marcado como «Quarenta e Poucos», e eu e os meus amigos nos encaminhássemos nessa direção, a juventude numa das mãos, os sonhos na outra, empolgados e cheios de expectativas. Um pouco como quando vamos de férias e descemos do avião e em seguida percorremos as passadeiras rolantes que nos arrastam, juntamente com toda a gente que segue as placas que indicam a recolha da bagagem, ansiosos por ver o que se encontra do outro lado das portas automáticas.

Só que não são as Bahamas nem as palmeiras tropicais, é o Destino Quarenta e Poucos e inclui um marido carinhoso, filhos adoráveis e uma linda casa. *Vruum*. É uma carreira de sucesso, e portas de correr na cozinha, e roupas do pronto a vestir. *Vruum*. É sentirmo-nos felizes e satisfeitos porque a vida é bem-sucedida e organizada, e estamos exatamente onde sempre nos imaginámos estar, completas com uma conta de Instagram repleta de #sou-tãoabençoada e #aviveraminhamelhorvida.

Não é, repito, não é #ondeéqueeuerei e #queroioéqueestouafazercomaminhaveda?

Sentada de pernas cruzadas em cima da minha cama, olho em redor do quarto, e reparo nas caixas de cartão pousadas num canto e em duas grandes malas que ainda não foram abertas. Ainda não acabei de desempacotar. Olho para elas, tentando ganhar coragem, depois recosto-me nas almofadas. Aquilo pode esperar.

Em vez disso, os meus olhos pousam no novo bloco de apontamentos que está em cima da minha mesa de cabeceira. Comprei-o hoje. De acordo com o artigo que estou a ler, o segredo da felicidade está em escrever diariamente uma lista de coisas pelas quais estamos agradecidos.

Ao escrever todas as coisas pelas quais está agradecido, irá sentir-se mais otimista, afastará os pensamentos negativos e transformará a sua vida.

Pego no bloco de apontamentos e numa caneta e abro na primeira página. Fico a olhar para a folha de papel em branco, a mente vazia.

Se precisar de um pouco de inspiração, aqui estão algumas dicas para o ajudarem:

Estou a respirar.

Estão a brincar comigo? A respirar? Há agradecimento e há praticamente morta se isso não constar da minha lista.

Não me sinto inspirada.

Não se preocupe se não souber o que escrever. Comece com uma coisa e vá desenvolvendo até chegar às cinco diárias.

Certo, muito bem. Vou escrever a primeira coisa que me vier à cabeça.

1. As minhas milhas aéreas

Está bem, talvez não seja exatamente o tipo de coisa abençoada e espiritual que o autor do artigo tinha em mente, mas acreditem em mim, eu senti-me bastante abençoada por ter todas aquelas milhas quando voltei para Londres na semana passada.

Há dez anos que estava a viver nos Estados Unidos da América, cinco dos quais na Califórnia com o meu noivo americano. Adorei a Califórnia. O sol constante. Usar chinelos em janeiro. O nosso café-livraria, no qual enterrámos todas as nossas poupanças, com os seus deliciosos *brunches* e as paredes forradas de livros. Eu estava feliz, apaixonada e noiva. O futuro estendia-se

à minha frente como uma passadeira colorida. Tudo iria resultar como eu sempre esperara.

Mas depois o nosso negócio faliu, e com ele o nosso relacionamento e, *puf*, foi tudo por água abaixo. Eu não ia casar com o príncipe e viver feliz para sempre, com os nossos filhos amorosos e o adorável cão adotado. Em vez disso, iria empacotar o que sobrava da minha vida, trocar todas as minhas milhas por um *upgrade*, e debulhar-me em lágrimas enquanto sobrevoava o Atlântico.

Caramba, se ia ficar sem dinheiro e com o coração partido, seria num assento totalmente reclinável com direito a um prato de queijo e bebidas gratuitas, se faz favor.

No meu cérebro encharcado de *gin*, queijo e bolachinhas, eu fazia planos para voltar para Londres, alugar um apartamento, enchê-lo de velas aromáticas e voltar a organizar a minha vida. A minha autorização de residência estava prestes a expirar e eu precisava de um novo começo, um que não me lembrasse constantemente daquilo que eu já não tinha. Além disso, o meu pai oferecera-me, generosamente, um empréstimo para me ajudar a recompor. O meu sonho americano terminara: estava na altura de voltar para casa.

Mas as coisas tinham mudado desde que eu me fora embora, e, rapidamente, descobri que as rendas tinham duplicado, não, quadruplicado. E que também desaparecera a minha tribo de amigas solteiras, com os seus quartos de hóspedes e as garrafas de vinho barato que bebíamos até altas horas da noite, dizendo umas às outras em altos berros que ele era um idiota chapado, e que estávamos melhor sem ele, e Não Entres em Pânico! Ainda tens muito tempo! Enquanto elencávamos uma lista de celebridades que eram mais velhas que nós e que tinham conseguido encontrar o homem certo, ter um bebé e aparecer na revista *OK!* a falar sobre a sua milagrosa maternidade Antes Que Seja Demasiado Tarde¹.

Agora, todas as minhas amigas estão casadas, e os seus quartos de hóspedes estão cheios de bebês, beliches e autocolantes de canções de embalar, e são chávenas de chá de ervas e cama às 21:30. O que queria dizer que eu tinha duas opções: contentar-me com o sofá e uma chávena de chá de camomila, ou voltar para Casa dos Pais.

Ei, não me interpretem mal. Eu adoro os meus pais. Mas isto nunca fez parte do Plano. Nunca, durante os meus vinte e os meus trintas, a minha

¹ Também conhecido como AQSDT. Costumavam ser os trinta e nove anos. Depois passou para os quarenta e dois. Agora, é qualquer idade em que pareçamos bem com a iluminação apropriada.

visão do futuro envolvia estar solteira, com mais de quarenta e a dormir no meu antigo quarto. Mesmo depois de a minha mãe ter trocado a cama de solteira por uma de casal e o ter redecorado com candeeiros *Laura Ashley* a condizer.

O meu quarto antigo era para as visitas que fazia com o Noivo Americano, que em breve seria o Marido Bonito. Era para reviver os Natais da infância no campo com a nossa crescente ninhada de bochechas rosadas. Era para os fins de semana em que Os Pais tomavam conta dos seus adorados netos enquanto nós nos escapulíamos para um daqueles hotéis-boutique chiques e muito caros, com lâmpadas de filamentos penduradas sobre o bar, e uma ementa orgânica repleta de gramíneas para isto, para aquilo e para o outro, e massagens que nunca são suficientemente vigorosas.

2. *Quartodehóspedesparaalugar.com*

Na verdade, foi a minha melhor amiga, Fiona, que me falou sobre o assunto, a ama *dela* falara-lhe sobre isso.

— Devias fazê-lo, Nell! Parece ser muito divertido! — disse ela alegremente do outro lado das bancadas de mármore de Carrara da sua cozinha de espaço aberto recém-renovada onde eu estava prostrada, deprimida e a sofrer com a diferença horária, com uma mísera chávena de chá de ervas com um gosto esquisito, depois de ela, gentilmente, se ter oferecido para me dar alojamento durante alguns dias após o meu regresso a Londres.

A Fiona acha sempre que a minha vida é divertida. E, provavelmente, é o que aparenta, vista da segurança da sua vida familiar feliz. É um pouco como a prática de *bungee jumping*, ou viver numa pequena casa de vinte metros quadrados, ou pintar o cabelo de roxo parece sempre divertido, desde que não sejamos nós a fazê-lo.

Quero dizer, não me interpretem mal, alguns momentos foram bastante divertidos. Apenas não os momentos atuais.

— Essa é uma forma de ver a questão — ironizei eu, lançando um sorriso a Izzy, a minha afilhada de cinco anos quando ela começou a atacar as suas papas orgânicas. Pessoalmente, eu tinha outras palavras em mente, mas a tia Nell não deve proferir a palavra malcriada começada por F.

— A tua afilhada acha que parece muito divertido, não achas, querida? — disse Fiona de forma entusiástica, pegando numa taça e colocando lá

dentro um punhado de mirtilos frescos, um pouco de sementes de chia e uma colherada de mel de manuka.

Eu adoro a Fiona — somos amigas desde os tempos da faculdade — mas para mim ela vive num universo completamente diferente. A viver um casamento feliz com David, um advogado de sucesso, ela desfruta de uma confortável vida de classe média no Sudoeste de Londres, com os seus dois filhos adoráveis educados em escolas privadas, uma elegante casa, e o tipo de cabelo louro ondulante que é produto de um secador profissional e de um excelente colorista.

Antes de ter filhos, o seu trabalho como curadora de um museu levava-a a viajar por todo o mundo, mas ela abdicou de tudo isso quando o Lucas, o seu filho mais velho, nasceu. Agora os seus dias são preenchidos com uma miríade de eventos escolares, a remodelação da casa, a marcação de adoráveis férias familiares em *resorts* de cinco estrelas e a fazer ioga.

Entretanto, no Planeta Que Raio É Que Vou Fazer Com A Minha Vida: — Podes conhecer pessoas realmente interessantes.

Ela estava a ser tão querida e otimista que não tive coragem de lhe dizer que a ideia de conhecer pessoas interessantes com o pijama vestido me causava brotoeja. Eu não queria partilhar um frigorífico com estranhos. Ou, Deus me livre, uma casa de banho. Era divertido quando éramos jovens, mas agora não. Agora era deprimente e angustiante e um pouco aterrador. Quer dizer, eu podia ser assassinada na minha cama por um colega de apartamento esquisito, e acabar cortada aos pedaços e espalhada pelos gerânios.

QUARENTONA TEM FIM MACABRO ENQUANTO PARTILHAVA APARTAMENTO

**A vida dela era tão promissora, disseram os seus pais
chocados, que esperavam ter pelo menos um neto.**

Expressei os meus medos, mas Fiona descartou-os rapidamente. A ama dela dissera que era fantástico e que fizera imensos amigos assim. Eu não frisei que a ama dela era uma brasileira de vinte e poucos anos, por isso, é claro que era fantástico. Naquela idade, tudo era fantástico. Principalmente, se tivéssemos o aspeto da ama da Fiona.

— Vá lá, eu ajudo-te a procurar — disse ela, deslizando o dedo pelo seu *iPad* e fechando a página inicial da John Lewis. Passados poucos segundos, estava a navegar através de fotografias, como se estivesse a fazer compras *online*. O que na verdade estava a fazer. Só que não estava à procura de um belo

candeeiro de mesa ou de uma manta de caxemira, estava à procura de uma casa para a sua pobre e irresponsável amiga.

— Oh, olha! Encontrei! Este lugar é perfeito!

3. *Arthur*

O quarto de hóspedes ficava numa casinha de estilo eduardiano em Richmond, um subúrbio arborizado de Londres conhecido pela sua atmosfera de vila e pela sua vida familiar. Eu esperava algo mais citadino e menos casais com filhos, mas estava disponível e eu podia pagá-lo. Além disso, quando o fui ver, o quarto parecia ainda maior do que nas fotografias, e tinha uma pequena varanda. Havia apenas um senão.

— E aqui fica a casa de banho partilhada.

Tendo acabado de me mostrar o quarto, Edward, o dono do apartamento e o meu eventual senhorio, parou ao pé da porta da casa de banho.

— *Partilhada?*

— Não se preocupe, eu ponho a tampa para baixo, é uma das regras da casa — brincou ele, abrindo a porta e puxando o cordão para acender a luz.

Ao menos, eu pensei que ele estava a brincar. Até ver a sua escova de dentes no copo ao lado do lavatório e o coração me cair aos pés.

— Muito bem, ótimo. — Tentei não pensar na casa de banho privada que tinha na Califórnia. Lembra-te de que isto vai ser divertido. Iria ser como na série *Friends*, só que nós estávamos na casa dos quarenta e eu não me parecia nada com a Jennifer Aniston. Forcei um sorriso animado. Eu conseguia fazer aquilo.

— Então, tem mais alguma pergunta?

O Edward parecia mais velho que eu, com o cabelo escuro ondulado que começava a ficar grisalho na zona das têmporas e os seus óculos de armação quadrada, mas eu tinha uma ligeira suspeita de que ele era praticamente da minha idade. Isto agora acontece-me com frequência. Leio artigos sobre pessoas de meia-idade como se elas fossem meus pais ou algo do género, e depois de repente percebo — espera aí, nós somos da mesma idade! Mas como é que pode ser? Eu não tenho este aspeto. Pelo menos, acho que não tenho.

Tenho?

— Hum... mais algumas regras? — gracejei debilmente enquanto o seguia de volta para a cozinha.

— Sim. Imprimi-as para que possa dar uma vista de olhos... — Abrindo uma gaveta, tirou uma pasta e entregou-ma.

— Oh. — Eram cerca de vinte páginas, com imensas secções sublinhadas. — Cruzes, são muitas regras.

— Acho melhor deixar tudo esclarecido, não concorda? Assim não há lugar a mal-entendidos.

Os meus olhos percorreram algumas. Era apenas a lengalenga habitual sobre música alta, ser arrumada e educada, certificar-me de que trancava as portas.

— Também tem uma secção sobre consciência ambiental e poupança de energia.

— Certo, obviamente. — Neste aspeto estávamos de acordo. Nos últimos cinco anos eu vivera na Califórnia. Conduzia um *Prius*. E comprava produtos orgânicos (quando podia). E tinha uma bela coleção de sacos reutilizáveis feitos de bambu para as minhas compras. — Sou totalmente a favor de se proteger o ambiente — disse-lhe eu.

— Por isso, desligue as luzes quando sair de uma divisão, tome duches em vez de banhos...

— Nada de banhos? — O meu peito apertou-se.

— Um duche de cinco minutos gasta um terço da água de um banho, por isso é muito mais amigo do ambiente.

— Sim, claro — assenti eu, e ele tinha razão, é claro que tinha, mas já não estávamos na Califórnia, onde havia seca. Estávamos em Inglaterra, onde nunca parava de chover. No ano passado, a casa dos meus pais ficara inundada duas vezes.

— E eu preferia que não mexesse no termostato do aquecimento central. Instintivamente, aconcheguei mais o casaco ao meu redor. Estava um gelo, até dentro de casa. Toquei num radiador. Estava gelado.

— Até mesmo em janeiro?

Quer dizer, PQP. Quem é que não tem o aquecimento ligado em janeiro?

— Eu programei-o para 12,5 graus, que é a temperatura mais eficiente.

Foi nessa altura que eu pensei *Que Se Lixe Isto*. Desde que terminara o relacionamento com o Noivo Americano, *Que Se Lixe Isto* tornara-se a minha nova abordagem à vida. Na verdade, é melhor do *Que Se Foda*. Requer menos esforço.

— Bem, muito obrigada. Tenho mais alguns quartos para ver...

Já era demasiado. Está bem, a minha vida estava uma confusão. Nada resultara. O tempo estava a esgotar-se e nada tinha acontecido comigo. Eu

ainda estava do lado de fora à espera do meu feliz para sempre, seja lá o que isso for. Não era uma esposa, nem uma mãe. Nem era uma *profissional de sucesso*, o que, de acordo com o jornal *Cujo Nome Me Recuso Mencionar*, é a razão pela qual todas as mulheres de uma *certa idade* se encontram nesta situação. Eu era uma editora desempregada que enterrara todas as suas poupanças num negócio que falira, e com ele o meu relacionamento. (Sobre este tópico, alguém pode esclarecer-me, por favor, porque é que não existe um *profissional de sucesso*?)

Eu não fazia sumos, nem cozinhava refeições saudáveis e nutritivas na minha adorável cozinha, muito provavelmente porque atualmente eu não *tenho* uma cozinha, nem uma casa, e, francamente, sou um zero à esquerda. Não fazia a mínima ideia do que se passava com o Brexit e, mais do que isso, não me interessava. Eu não pratico *mindfulness*. Nem ioga. Caramba, eu nem sequer consigo tocar nos dedos dos pés. E não tenho nenhuma conta nas redes sociais repleta com milhares de fotografias com muitos «gostos» a documentar a minha vida perfeita.

— Prazer em conhecê-lo. — Encaminhei-me para a porta.

— Na verdade, há mais uma coisa...

Preparei-me para o que aí vinha.

— Eu não estou cá durante os fins de semana.

Parei.

— Desculpe?

Nessa altura, Edward contou-me que era casado e que tinha um par de gémeos. Casado? Ele deve ter reparado que o meu olhar voou para o seu dedo anelar vazio pois disse algo sobre ter deixado a aliança no lavatório de casa. Que era no campo, para onde se tinham mudado «por causa das escolas», mas durante a semana ele ficava em Londres para poupar nas deslocações.

— Eu vou-me embora na sexta-feira de manhã e só regresso na segunda-feira à noite, por isso terá a casa só para si.

Espera lá — fiz as contas rapidamente. Aquilo queria dizer que só teria de partilhar a casa com ele durante três dias? Durante quatro dias, teria a casa só para mim?

— Excetuando o *Arthur*.

— *Arthur*?

Ao ouvir o seu nome, um enorme animal peludo irrompeu na cozinha, quase me acertando com a sua enorme cauda ondulante.

— *Arthur*, senta. *Senta!*

O *Arthur* não fez caso nenhum e continuou a pular animadamente e

a babar-me toda, enquanto o dono tentava obrigá-lo a sentar-se de alguma forma.

— A minha mulher, Sophie, tem alergias, por isso ele fica aqui comigo — disse Edward ofegante. — Mas aos fins de semana, ficará consigo... portanto, o valor do arrendamento foi ajustado de acordo com isso.

Olhei para Edward. Os seus óculos estavam tortos e a camisola coberta com uma ligeira camada de pelo branco, que flutuava pela divisão, transformando a cozinha num gigantesco globo de neve, enquanto a sua manga desaparecia rapidamente dentro das mandíbulas de *Arthur*.

— Muito bem, ótimo. Quando é que me posso mudar?

4. *Eu não morri de hipotermia*

Pequenas bênçãos e tudo o mais, mas o meu senhorio foi esquiar. Durante o fim de semana, veio de Kent para me entregar as chaves e o *Arthur*, e em seguida pirou-se para Heathrow para festejar o Ano Novo com a família em Verbier. Assim que ele saiu, aumentei o termostato para os 24 graus. Agora está agradável e quentinho, e eu estou deitada na minha cama só de roupa interior. Quase consigo fingir que estou novamente na Califórnia.

Ao pensar nisso, os meus olhos enchem-se de lágrimas. Não, não quero pensar nisso. Já há uns dias que não choro e não quero começar.

Fungo profundamente e olho para *Arthur*, que está a dormir no tapete ao pé da janela, e volto para o meu livro de apontamentos. Ainda tenho de escrever mais qualquer coisa na minha lista de coisas pelas quais estou agradecida para chegar às cinco diárias, mas estou cansada. Ainda sinto os efeitos da diferença horária. Não me vem nada à cabeça. Pouso-o na mesa de cabeceira. É por isso que lhe chamam uma prática diária. Certamente, amanhã sentir-me-ei muito mais otimista e inspirada.

Sim, este ano vou mudar totalmente a minha vida. Ano Novo, um novo começo e tudo o mais. Na verdade, no *próximo* ano por esta altura a minha lista de coisas pelas quais estou agradecida vai ser algo deste género:

Estou agradecida por:

1. *O meu marido dedicado, que todos os dias me diz o quanto me ama com um ramo de flores e sexo alucinante.*
2. *Aconchegos com o nosso pequeno milagre, que mostrou aos seus*

- orgulhosos avós que a mamã não era uma quarentona falhada para quem o tempo finalmente acabara.*
- 3. Uma carreira de sucesso que, além da realização, me proporciona um salário chorudo, que vou gastar nas roupas lindas que vejo nas revistas em vez de passar horas no eBay a tentar encontrar uma versão mais barata.*
 - 4. Uma casa digna do Pinterest para oferecer imensos jantares sofisticados a todos os meus amigos, que estão impressionados com o meu talento para a decoração de interiores e para a preparação de refeições deliciosas e nutritivas, e que na brincadeira me chamam Deusa do Lar.*
 - 5. Esta sensação de força e calma que vem da prática de ioga com os meus novos equipamentos da Lululemon, e por saber que finalmente estou onde queria estar e que não vou morrer sozinha nem miserável.*

#

A Sexta-feira Seguinte

Oh, meu Deus, é o meu aniversário.

Lembram-se de quando costumávamos *ansiar* pelo nosso aniversário? Quando acordávamos todas contentes e animadas e planeávamos a nossa indumentária minúscula? E os festejos acabavam às duas da manhã numa discoteca algures, a bebermos vodca com os nossos amigos e a gritarmos ebbriamente ao ouvido de um tipo qualquer: «Come-me, já tenho vinte e seis anos! Estou tão velha!»

Agora *estou* verdadeiramente velha.

Hoje em dia, quando acordo, parece que já bebi a vodca toda. E quando estendo o braço para pegar no telefone que está a tocar, vejo o meu braço no espelho de corpo inteiro, que está ao pé da minha cama, e apercebo-me: É isto. Aconteceu. Está na altura de começar a usar mangas.

Toda a gente fala sobre o grande 4-0, mas na verdade fazer quarenta anos não é nada de especial. Quarenta anos é fácil. Quarenta anos significa uma grande festa e um vestido novo. Aos quarenta ainda estamos a uma pequena distância dos nossos trinta e nada parece diferente. Mas depois, do dia para a noite, acontece alguma coisa e subitamente estamos com *quarenta e poucos* e as coisas começaram a... como é que hei de dizer?

Descair seria uma palavra. Enrugar seria outra. *Enrugar e descair*. Soa a um novo sabor de batatas fritas ou bar favorito, só que não é uma coisa nem outra. É esta coisa estranha que está a acontecer ao nosso corpo e de que não gostamos. Tiramos da gaveta o nosso fiel biquíni para as férias de verão e começamos a pensar seriamente em comprar um fato de banho. Encontramos um cabelo grisalho e *não é na cabeça*. É mesmo muito estranho.

O tempo parece que está a acelerar. E a acabar. Começamos a olhar para trás a tentar perceber como diabo é que chegámos ali, em vez de para diante, porque, francamente, isso assusta-nos para caraças. *Se tivermos sorte*, já

percorremos metade do caminho e nada é como pensámos que ia ser quando berrávamos ao ouvido de estranhos em discotecas manhosas.

Mas talvez seja assim que todos se sentem nos seus aniversários nesta idade. No entanto, a julgar pelas fotografias que todos publicam no Facebook, de fins de semana passados a celebrar em chalés aconchegantes em Cotswolds e pelas *selfies* de família onde toda a gente exhibe o mesmo sorriso e as mesmas galochas — até o *Labrador* —, não estou convencida. Não parecem chocados nem aturdidos por isto lhes estar a acontecer. Assemelham-se a um catálogo da J Crew.

A minha mãe e o meu pai são os primeiros a ligar para me desejar um feliz aniversário.

— Já mais alguém te ligou? — pergunta a minha mãe depois de o meu pai ter acabado de cantar e de ter ido para a horta.

A minha mãe está a tentar tirar nabos da púcara. Eu ainda não entrei em detalhes sobre o que acontecera com o Noivo Americano, apenas dissera que o casamento fora cancelado e que ia voltar para Londres.

— Hum... são sete e meia da manhã, ainda é um pouco cedo.

— Que horas são na Califórnia?

Eu sabia.

— São onze e meia da noite de ontem.

— A sério?

Durante todos os anos que vivi na América, a minha mãe e o meu pai nunca conseguiram perceber a diferença horária. As conversas começavam sempre com «Que horas são aí?», a que se seguiam reações espantadas quando lhes respondia, e eu era sempre acordada pelas chamadas de FaceTime a meio da noite. Porque, é claro, eu não podia desligar o meu telefone, *para o caso de algo acontecer*. Que é outra coisa que acontece quando se atinge uma certa idade. É como se os polos magnéticos se invertessem, e depois de alguns anos de os nossos pais se preocuparem connosco, começamos nós a preocupar-nos com eles. É como ter filhos, só que eu saltei a fase dos bebés fofinhos e os meus já têm setenta e setenta e dois anos.

— Então, lá ainda não é o dia do teu aniversário?

Pobre mamã. Acho que ela se está a agarrar à esperança de que esta separação não seja definitiva e que em breve o casamento volte a estar de pé.

— Não, ainda não.

— Oh, ótimo. — Ela parece aliviada. — Então o que é que vais fazer para celebrar?

— Vou tomar um copo com uns amigos.

— Bem, parece divertido.

— Sim, vai ser bom ver toda a gente e pôr a conversa em dia.

— Porque, como sabes, o teu pai e eu estamos um pouco preocupados contigo...

— Mãe, eu estou bem, a sério, não precisam de se preocupar. Assim que acabar de resolver algumas coisas aqui, vou passar uns dias a casa.

— Isso era ótimo.

— Está bem, mãe, adeus...

— Já sei o que te queria dizer!

Sabem como é que o significado de algumas palavras varia de pessoa para pessoa? Bem, para a minha mãe a palavra «adeus» não significa o fim da conversa. Pelo contrário, significa começar um tópico novo, que normalmente envolve falar-me de alguém que eu não conheço, que está relacionada com outra pessoa que eu não conheço, que é vizinha de alguém de quem nunca ouvi falar, e que morreu.

Preparei-me.

— Se vieres cá passar uns dias, precisamos que nos avises com antecedência porque agora estamos no Airbnb.

Olhei para o meu telefone como se tivesse ouvido mal.

— *Airbnb?*

— Sim, não te tinha dito? O teu pai e eu vimos um programa sobre isso e decidimos experimentar. Temos alugado o teu antigo quarto e estamos cheios de reservas.

Então fora por isso que ela comprara os candeeiros da Laura Ashley.

— Esta semana, temos cá um casal adorável, de lua de mel!

E aí está. Quando pensamos que a nossa vida não pode piorar, há sempre a descoberta de que uns recém-casados andam a dar umas cambalhotas no nosso antigo quarto para nos afundar ainda mais.

— Então e o antigo quarto do Richard?

— Bem, ele vem cá mais vezes.

Cerro os dentes à medida que sinto a faca a girar. O Richard é o meu irmão mais novo e nunca faz nada mal. Vive em Manchester e tem uma *startup* de cerveja artesanal com alguns amigos. De quinze em quinze dias vai visitar os meus pais, carregado com sacos de roupa suja e uma namorada diferente. O Rich tem trinta e nove anos e diz que ainda não está preparado para assentar, mas ninguém está preocupado, muito menos o Rich. Ele é homem. É diferente. Não há AQSĐT.

— Certo, bem, tenho mesmo de ir.

— Claro, deves estar ocupada. Falamos mais tarde. Tem um dia fantástico!

Depois de pousar o telefone, senti-me um pouco culpada. Na verdade, eu não tinha de ir. Não é que eu tivesse um compromisso premente; como filhos para preparar para irem para a escola, ou um emprego onde tivesse de estar. Penso na minha carreira, depois tento não o fazer. Faz dez anos que deixei o meu trabalho a tempo inteiro como editora e me mudei para os escritórios da companhia em Nova Iorque. Era uma excelente oportunidade e a altura era perfeita — acabara um relacionamento e estava ansiosa por uma mudança de cenário — e eu atirei-me de cabeça ao novo trabalho e ao panorama romântico nova-iorquino.

Mas cinco anos depois, eu ainda estava solteira e a perder, rapidamente, a esperança de alguma vez conhecer alguém. Por isso, quando num bar conheci um atraente *chef* de olhos escuros, segui-o a ele e ao meu coração para a Costa Oeste onde ficámos noivos, largámos os nossos empregos e nos mudámos para Ojai, uma pequena cidade a noroeste de Los Angeles, para abrirmos o nosso café-livraria. Os meus pais estavam encantados, embora preocupados. Eu estava a ganhar um noivo, mas a perder um bom emprego, e o meu pai aconselhou-me a ser prudente.

Mas eu não estava com disposição para ser prudente. Já estava com trinta e muitos. E tinha conhecido O Certo. Íamos casar, ter filhos, e passar juntos o resto das nossas vidas. Começar o nosso próprio negócio foi a cereja em cima do bolo. Combinava o meu amor por livros e o amor dele por comida, e trabalhávamos dia e noite para que fosse bem-sucedido. O que importava se metade dos negócios faliam no primeiro ano? Nós faríamos parte dos outros cinquenta por cento.

E durante alguns anos fizemos — mas, eventualmente, o aumento das rendas, as longas horas de trabalho, as economias que desapareciam rapidamente, e muitas outras coisas, acabaram por causar estragos, finalmente, tanto no negócio como no nosso relacionamento. Por isso, aqui estou.

#solteiradesempregadaecomquarentaepoucos

O meu telefone apita. É a minha amiga Holly. A Holly é casada com o Adam e têm uma filha, a Olivia, que tem três anos.

Esta noite não podemos ir. A ama está doente! 😞 😞 Desculpa!!

Ligo-te mais tarde. Feliz aniversário e diverte-te esta noite! Bjs

O meu telefone apita novamente. Desta vez é o Max, que conheci numa pousada da juventude em Roma quando tinha dezoito anos; passámos o

verão juntos a viajar pela Europa de mochila às costas. Agora ele é casado com Michelle, tem três filhos e outro a caminho, mas continuámos bons amigos. Até sou madrinha do seu filho mais velho, o Freddy.

Parabéns Stevens! Esqueci-me completamente da reunião de pais desta noite. Se eu não for, a Michelle corta-me os tomates.
Vem cá jantar para a semana. M

Dois já desistiram. Só falta uma.
A Fiona liga uma hora mais tarde.
— Vais matar-me...

#

No fim, toda a gente cancelou. Não tinha importância. Eu compreendia. Estas coisas acontecem. Vidas familiares atarefadas e tudo o mais. É só que, bem, estaria a mentir se dissesse que não fiquei um pouco desapontada.

Oh, quem é que estou a querer enganar? Fiquei completamente lixada. Mas não com os meus amigos; com a minha situação. Por isso fui fazer terapia. Da que envolvia fazer compras.

Quando cheguei à rua principal, senti-me imediatamente mais animada. Quem é que precisa de um parceiro que nos ofereça um jantar romântico num restaurante adorável quando existe um sensual macacão rosa-vivo com manguinha curta? Ou filhos para me fazerem cartões de aniversário que vou pendurar no frigorífico para sempre, quando na verdade posso encontrar um par de calças de ganga brancas *skinny* que não me fazem parecer gorda? O que é que importa se não tenho trabalho ou a minha própria casa, se há um par de sapatos de ráfia às riscas e de salto alto que consigo comprar com o dinheiro que a minha mãe e o meu pai me mandaram?

Onde, exatamente, é que vou usar umas calças de ganga brancas *skinny*, um macacão rosa sensual e sapatos de ráfia de salto alto no gelo que se faz sentir em janeiro em Londres, não faço ideia nenhuma. Além disso, não experimentei nada daquilo porque as filas eram enormes. Mas quem é que se preocupa com detalhes tão mesquinhos?, decido, mais tarde, enquanto vou no autocarro para casa, a olhar pela janela e a bebericar uma dessas latas de *gin* tónico. Tive direito a presente de aniversário e tudo.

Por um breve momento, penso que talvez seja assim que tudo começa. Num determinado momento estamos a celebrar os nossos quarenta e tais, a

procurar na Zara qualquer coisita com mangas e a saborear uma pequena bebida num transporte público. Depois, sem darmos conta, estamos a emborcar uísque de uma garrafa dentro de um saco de papel e está tudo acabado. De repente, sinto-me como *A Rapariga no Comboio*, só que estou num autocarro.

Oh, meu Deus. Pelo menos não vou começar a assassinar os meus ex.

Penso no meu Noivo Americano e pego no telefone. *Nada*.

E num abrir e fechar de olhos, a minha boa disposição desaparece. As lágrimas humedecem-me as pestanas e, pestanejando furiosamente, ponho o telefone novamente no bolso e enfio a mão dentro do saco das compras.

Que Se Lixe Isto. Pego noutra lata.

Estou agradecida por:

1. *A minha mãe e por tudo o que faz por mim, e estou ansiosa por ter vaga para ficar no antigo quarto.*
2. *Zara, embora as calças de ganga não me tenham passado dos joelhos e o macacão rosa sensual me fique horrível.*
3. *Quem quer que tenha tido a ideia genial de misturar gin e água tónica e pô-los numa latinha estilosa.*
4. *Pelo estranho em cujo ombro adormeci e me babei, e que me acordou antes de eu passar a minha paragem.*
5. *Não ter um saca-rolhas, e por o meu ex morar a oito mil quilómetros de distância.*

#

O Dia Seguinte

A minha cabeça parece que vai explodir.

Está decidido: nunca mais volto a beber. Vou passar o janeiro a seco. Está bem, é um pouco tarde considerando que já estamos na primeira semana, mas mais vale tarde que nunca, certo?

Certo?

Então, ontem à noite o plano era ficar em casa e tentar cozinhar o meu próprio jantar de aniversário chique, só que na altura em que cheguei a casa o meu desejo de ser uma deusa do lar tinha-me abandonado. Era demasiado esforço para apenas uma pessoa. Além disso, quando o efeito do *gin* tónico começou a desaparecer, pareceu-me tudo um pouco triste.

Em vez disso, levei o *Arthur* a passear. Ainda não tivera tempo para explorar o meu novo bairro e ziguezagueámos por ruas desconhecidas iluminadas pelos candeeiros. Era estranho estar de volta a Londres, embora isto não fosse a Londres de que eu me lembrava. Antes de partir para Nova Iorque, vivia num apartamento alugado por cima de uma loja, mesmo no centro da cidade, com tráfego, barulho e poluição por todos os lados — mas este era um subúrbio muito mais sossegado, com filas organizadas de moradias com elegantes pátios vitorianos e carreiros de lajes.

À medida que caminhava, o meu olhar vagueava por todas as janelas, como se estivesse a folhear um livro de fotografias. Dentro de todas as casas, vislumbrei imagens de vida familiar. Uma mãe no andar de cima a escovar o cabelo de uma menina pequenina depois de ela tomar banho; um casal enroscado no sofá a ver televisão, o ecrã refletido nos seus rostos; um homem com uma mochila a fechar a porta da entrada atrás de si e a gritar «O papá chegou!».

Parei. Se havia uma metáfora para a minha vida, era aquela. Eu estava do lado de fora a observar os outros que estavam do lado de dentro de todas aquelas cenas reconfortantes de felicidade doméstica. Estremeci ligeiramente

e puxei o meu chapéu de lã para cima das orelhas. Eu estava, literalmente, do lado de fora, ao relento.

E, contudo...

Muito bem, no espírito da transparência completa, tenho de fazer uma confissão. Por muito que uma parte de mim deseje tudo isto, há uma outra parte que o teme. A parte de mim que jurou no seu diário que nunca acabaria como os seus pais. Aquela que lia livros à luz de uma lanterna por baixo dos lençóis e que sonhava com romances tórridos e viagens para destinos longínquos. Aquela que estava determinada a levar uma vida menos comum, repleta de liberdade, emoção e aventura, *com algo diferente...*

Fui puxada para trás pela trela retrátil do *Arthur*, virei-me e vi-o agachado no caminho de acesso a uma grande casa a fazer uma enorme cagadela.

Entretanto, ali estava eu a apanhar merda de cão.

Tentei não pensar em mais nenhuma metáfora, mas enfiei a minha mão enluvada no saco e comecei a raspá-la. Uso a palavra «raspar» porque *Arthur* tem sempre o estômago desarranjado e nunca se trata de simplesmente apanhar o cocó, mas sim de ter de o raspar do alcatrão. Esforcei-me por não vomitar quando o dono da casa apareceu à janela, e tanto ele como *Arthur* ficaram a olhar para mim. Juro que há algo de muito errado na relação entre os humanos e os cães. Se os extraterrestres alguma vez pousassem na Terra, quem é que eles considerariam que mandava? Não os humanos, isso é certo.

Continuei a raspar... pronto, acho que tirei tudo...

Apontei a lanterna do meu *iPhone* para o chão para verificar. Aqui tem, Senhor Proprietário de Uma Grande Casa de Gente Crescida. Eu posso sentir-me uma fracassada, mas sou uma pessoa muito responsável. Senti uma leve sensação de triunfo. Seguida de um horror doentio quando o feixe de luz se voltou do alcatrão para o saco de cocó.

Oh, meu Deus! Estava rasgado. Os dedos tinham-no atravessado. Estava espalhado por cima de uma das luvas de caxemira brilhantes que recebera no Natal! Arranquei-a. Foda-se! *Foda-se!* FODA-SE!

Podia ter chorado. Literalmente, ter-me deitado no chão e chorado. Na verdade, passou-me pela cabeça. Conseguia imaginar o dono da casa a dizer para a mulher que estava na cozinha, «Querida, está uma estranha deitada no chão em frente à nossa casa, coberta de cocó e a chorar histericamente. Não consigo ouvir muito bem através dos vidros duplos, mas parece que está a dizer qualquer coisa sobre ser o aniversário dela. Talvez seja melhor chamarmos a polícia. Ela vai assustar as crianças.».

Só que *Arthur* tinha outras ideias. Avistou um esquilo, soltou um uivo e desatou a correr, arrastando-me atrás dele enquanto percorria a rua desenfreadamente e eu me agarrava à minha querida vida. Ele não o apanhou, é claro. O esquilo esgueirou-se para o cimo de uma árvore e *Arthur* ficou cá em baixo, a ladrar sem parar. Pobre *Arthur*, tive um pouco de pena dele. Seria de esperar que já tivesse aprendido. Por outro lado, quantos anos é que demorara até eu aprender que quando um homem desaparece e não devolve as nossas chamadas, desgastar-me a enviar-lhe mensagens intermináveis também não iria resultar?

O que é mais ou menos a mesma coisa. Do género.

Começámos a voltar para casa, e eu já estava, mentalmente, a pôr o banho a correr e a deitar-me na cama com o meu *iPhone* para percorrer as fotografias dos pores do sol e do que é que toda a gente comera ao jantar, quando senti o cheiro de peixe e batatas fritas que vinha do *pub* que havia na esquina. Bem, era o meu aniversário.

#

Lá dentro, parecia haver alguns habitantes locais a desfrutar tranquilamente de uma bebida. Amarrei *Arthur* à perna de uma mesa que estava num dos cantos enquanto fui lavar as mãos e pedir um copo de vinho e uma dose de peixe e batatas fritas ao balcão. Quando voltei, cinco minutos depois, tinha algum receio de que ele tivesse arrastado a mesa pelo *pub*. Em vez disso, ele estava sentado, obediamente, e um miúdo com um gorro coçava-lhe as orelhas.

— Ele gosta disso — disse eu com um sorriso.

O miúdo olhou para cima, com uma expressão como se tivesse sido apanhado a fazer alguma coisa que não devia.

— Oh, o cão é seu?

Estava prestes a responder que não, que o cão pertencia ao meu senhorio, quando algo me fez mudar de ideia.

— Sim, o cão é meu.

— Como é que se chama?

— *Arthur*.

O sorriso do miúdo alargou-se, revelando que lhe faltava um dente.

— Como o rei *Arthur*?

— Exatamente. — Assenti, olhando para *Arthur* que estava sentado com um ar bastante régio, enquanto lhe acariciavam a cabeça. Não era uma má

descrição, tendo em conta quem é que parecia mandar aqui; certamente, não era eu. — *Rei Arthur*.

Os olhos do miúdo iluminaram-se e ele enterrou ainda mais as mãos no pelo de *Arthur*.

— Eu queria um cão, mas a minha mãe não deixou. Ela diz que só podemos ter um hámster.

— Bem, os hámsteres também podem ser divertidos.

Ele não parecia convencido.

— Mas não é como o *Arthur* — respondeu ele.

— Não, não é — admiti eu.

— Oliver, aí estás tu!

Uma voz masculina fez-nos olhar para cima.

— Andava à tua procura...

Um homem surgiu do outro lado do *pub*, parecia que tinha acabado de entrar. Usava um casaco de penas, um cachecol grosso e luvas, tinha cabelo escuro curto e era a cara chapada de Oliver. Por isso, devia ser o seu pai. O Oliver puxou-lhe a manga animadamente.

— Adivinha como é que ele se chama? *Rei Arthur!* Como no filme que vimos!

— Ele não a está a maçar, está?

— Não, não... de modo algum.

Ele tem uns olhos muito bonitos. Azul-claros, como a cor das calças de ganga desbotadas.

— Ainda bem — disse ele com um sorriso, depois piscou o olho para o filho. — Anda, estamos atrasados.

Ele era atraente, como os pais são por vezes.

— Coça-lhe as orelhas! Ele adora!

Ele agachou-se, obedientemente, descalçou uma das luvas e coçou as orelhas do *Arthur*, que estava a adorar a atenção.

— Agora, achas que ele vai coçar as minhas? — perguntou ele com ar sério, inclinando a cabeça e provocando um ataque de riso a Oliver.

— Bem, vá lá, temos mesmo de nos ir embora senão a tua mãe mata-me. Ela está à nossa espera no cinema.

— Adeus, *Rei Arthur*... adeus. — Oliver acenou para nós os dois.

— Adeus. — Eu acenei de volta. — Bom cinema.

— Obrigado. — O pai dele sorriu e pegou na mão do filho.

Observei-os a saírem do *pub* juntos, e por um momento não pude deixar de desejar ser a mulher sortuda que estava à espera no cinema. Não apenas

porque eles pareciam muito fofos, pai e filho, de mão dada. Mas também porque não pude deixar de reparar como aquelas calças lhe ficavam a matar...

Uou, Nell!

Aquilo apanhou-me de surpresa. Aquele era o primeiro homem em que reparava desde o Noivo Americano, quanto mais achar alguém atraente. Seguiu-se a resignação de que ele era o marido de alguém, o que, infelizmente, *não* era surpresa porque na minha idade todos os que eram bons estavam comprometidos.

Mas algures, no fundo desta minha alma ferida, também se acendeu uma pequena réstia de esperança de que talvez, apenas talvez, ainda não estivesse tudo perdido para mim.

Estou agradecida por:

- 1. O meu vinho, que era tão bom que tive de pedir dois copos.*
- 2. O Arthur saber o caminho para casa.*
- 3. Ibuprofeno.*
- 4. O flashback de ontem à noite, caso contrário não me teria lembrado de que no meio do caos da merda, me esquecera do saco de cocó rasgado e da luva, e que teria de lá voltar para os ir buscar e deixar um lisonjeador pedido de desculpas.*
- 5. Ainda não haver cartazes de «Procura-se» com a minha foto espalhados pelas redondezas².*

² Pelo sim pelo não, vou levar chapéu.

#

Almoço de Domingo

Esta manhã acordo com um grupo de amigos a convidarem-me, pelo WhatsApp, para um almoço num restaurante italiano na cidade. Almoço de aniversário atrasado e tudo o mais.

Ótimo! A que horas?

Holly

Pode ser às 11:30? Às duas a Olivia vai dormir a sesta.

Max

O Freddy tem jogo. Só conseguimos lá estar à uma.

Fiona

As aulas de natação são das 12 às 2, mas depois disso pode ser a qualquer hora.

Estou tentada a responder que às três estou a dormir a sesta, o que não é mentira, considerando que ainda não deixei, completamente, de sentir os efeitos da diferença horária, mas em vez disso mantenho-me em silêncio e deixo-os discutirem entre eles as sextas, as aulas de natação e o futebol. O que, julgando pelo número de mensagens que caem, faz com que a negociação do Brexit pareça fácil.

Finalmente, chegamos a uma solução e, satisfeita, salto para o duche. Estou mesmo com muita vontade de rever toda a gente, mas enquanto o *Arthur* me observa a arranjar-me, sinto-me subitamente culpada por o deixar.

— Não te preocupes, não vou demorar — prometo, afagando-lhe as orelhas enquanto ele olha para mim com os seus grandes olhos castanhos.

Dirijo-me para a cidade. Ainda não tivera uma saída a sério desde que

regressara a Londres, por isso aprumei-me. Até estou a usar uns sapatos com um bocadinho de salto. Afinal de contas, é o almoço do meu aniversário, mesmo que seja atrasado. Assim, o meu coração cai-me aos pés quando chego ao restaurante italiano e vejo uma pilha de carrinhos de bebé duplos à porta e um sinal a informar de que no piso de baixo há uma área de recreio para as crianças. Não me interpretem mal, eu adoro crianças, mas estava à espera de algo mais...

Abro a porta e ouço barulho em crescendo... *tranquilo?*

Um empregado vem em meu socorro e leva-me para a nossa mesa onde peço um jarro de vinho e me sirvo de um copo generoso.

— Aniversariante linda!

Levanto os olhos e vejo Fiona a marchar através do restaurante, com os filhos a reboque.

Aproxima-se de mim e dá-me um abraço enorme.

— Desculpa ter cancelado na sexta-feira, fiquei tão chateada...

— Não te preocupes, está tudo bem, eu sei que estás ocupada — respondi, devolvendo-lhe o abraço.

— Esquecera-me completamente de que prometera à Annabel que a ajudava com os convites...

— Annabel?

— É a mãe de uma coleguinha da escola nova da Izzy. Ela está a organizar uma grande angariação de fundos para beneficência.

— Isso parece muito mais importante do que o meu aniversário — retorqui com uma gargalhada. — De qualquer maneira, estou contente que tenhas podido vir hoje.

— Também eu. Então, como é que estás?

— Velha — respondi com um sorriso.

Ela dá-me uma palmada.

— Disparate! Estás exatamente na mesma como quando tinhas vinte e cinco anos.

A Fiona é uma querida, mas ela também já começava a segurar as coisas à distância de um braço e a franzir os olhos quando olhava para elas. Também eu devo parecer um pouco distorcida. O que não é mau. A minha teoria é que é por isso que a nossa visão se deteriora à medida que envelhecemos: para nos proteger de nos vermos a nós próprios nitidamente.

— Izzy, dá à tia Nell o nosso cartão.

A Izzy traz um par de asas de fada e salta para o meu colo, estendendo-me um cartão com os seus dedos rechonchudos.

— Muito obrigada, fadinha. — Sorrio e abro o cartão. — Uau, que letra tão bonita.

— Posso ver? — Ela afasta os caracóis louros dos olhos, que são enormes, azuis e emoldurados por umas pestanas tão grandes que lhe chegam às bochechas. A Izzy tem uma pele de pêssego e não tem nada de recear uma visão nítida. Mas, por outro lado, ela tem apenas cinco anos.

— Muito obrigada, Izzy.

— Lucas, tens o presente?

O Lucas tem sete anos e está agarrado aos seus carros da Matchbox como se alguém do restaurante pudesse querer roubá-los. Ele abana a cabeça.

— Oh não, deve ter ficado em cima da mesa da cozinha — geme Fiona. Ela olha para Lucas. — Esqueceste-te de o trazer, querido? — Ele assente com a cabeça. O Lucas é um homem de poucas palavras, sai ao pai.

Felizmente, naquele momento o David surge, depois de ter estacionado o carro, a brandir uma caixa com um lindo embrulho que encontrara no banco traseiro. A Fiona oferece sempre presentes realmente adoráveis. Quando nos conhecemos, éramos as duas pobres e o nosso presente por excelência era uma vela perfumada, mas depois ela casou com David e as coisas mudaram. Em muitos aspetos, ela continuava a ser a mesma rapariga, mas agora os seus presentes vinham daquelas lojas caras onde eu nem sequer me atrevia a entrar, porque as coisas caíam espontaneamente dos cabides quando eu me aproximava, e as empregadas olhavam para mim de lado porque era bastante óbvio que eu não tinha dinheiro para comprar nada.

— Oh, uau, é lindo — digo eu com um suspiro, enquanto desembrulho um suave cachecol de caxemira. — Não devias...

— Gostas?

— Se gosto? *Adoro!* — guincho eu, dando-lhe a ela e aos filhos um abraço enorme.

A Fiona parecia agradada.

— É da loja da Annabel, ela ajudou-me a escolher. Tem um bom gosto fabuloso. Estou ansiosa para que a conheças.

— Eu também — respondi com um sorriso, mas ao ouvir o nome dela novamente, senti uma ligeira irritação. Controlei-me. O cachecol era lindo. Estava a ser ridícula.

— Oh, olha, já chegaram todos!

Esqueço-me de tudo quando as portas se abrem, e Holly e Adam chegam com Olivia ao mesmo tempo que Max e Michelle e os seus três filhos, e passamos os cinco minutos seguintes a dar beijinhos e abraços e a comentar

como as crianças cresceram e como é maravilhoso estarmos todos juntos outra vez.

Porque é mesmo maravilhoso. Na verdade, não há nada melhor do que estar com velhos amigos. Retomamos onde tínhamos ficado, como se estivéssemos a meio de uma conversa. Só que não nos víamos desde o verão passado e temos muito que pôr em dia. Casas novas, promoções novas, bebés novos.

— Quatro, devemos estar loucos! — disseram Max e Michelle com uma gargalhada, sorrindo um para o outro por cima de um prato de *penne arrabiata*, enquanto Adam tenta arrancar a David conselhos jurídicos gratuitos, sobre uma casa de férias que estão a pensar comprar em França, oferecendo-lhe o salame da sua *pizza*, e a Fiona e a Holly abrem torres de caixas *Tupperware* cheias de bolos de arroz e mirtilos que começam a voar por todo o lado.

Eu peço outro jarro de vinho.

— Então e tu, Nell?

Depois de os empregados terem levado os nossos pratos, as crianças vão para a área de recreio, supervisionadas por Freddy que foi subornado com o novo *iPhone* do pai, e a mesa fica tranquila.

— Quais são as novidades? — pergunta Holly, que eu conheci quando estávamos a trabalhar no nosso primeiro emprego temporário em Londres. Tivemos uma ligação imediata entre batatas assadas no micro-ondas e folhas de cálculo do Excel. Prendendo o seu cabelo escuro, penteado com um *bob* impecável, por detrás das orelhas, olha para mim, expectante, do outro lado da mesa.

Hesito. As únicas novidades que tenho para contar são um noivado desfeito, um quarto alugado e o meu recente desemprego. Não era exatamente a mesma coisa que novas promoções e bebés.

— Quero saber tudo sobre o café...

— Como é que estão a correr os preparativos do casamento?

— Quando é que regressas?

Enquanto os meus amigos me bombardeiam com perguntas, preparo-me para lhes contar as novidades. Quando contara à Fiona, fi-la prometer que guardava segredo. Sentia-me uma enorme fracassada. Mas estes são os meus amigos mais antigos. Eles não me julgam.

Esse trabalho é meu.

— Bem, sabem, é essa a questão. Quando eu fiz aquela piada sobre ter-me esquecido de trazer o meu anel, não era exatamente uma piada... — Hesito, perguntando-me como é que hei de dizer-lhes, depois sai-me tudo de repente. — Nós acabámos e eu voltei para Londres.

Há algumas expressões chocadas em redor da mesa.

— Tu sabias? — pergunta Holly acusadoramente, olhando para Fiona que ruboriza e esconde a cara no copo de vinho. — Nell, porque é que não me disseste?

— Estou a dizer-te agora, não estou?

Não quis lembrar Holly de que sempre que lhe tentei ligar, ela estava ocupada. A Holly é uma mulher maravilhosa. Quando não está a levar Olivia a qualquer coisa, está a treinar para outro triatlo, ou a correr para uma reunião importante no hospital onde trabalha como administradora, e lida com assuntos de vida ou morte todos os dias. Ela é tão bem-sucedida, resolvida e *competente*, que não quis incomodá-la com as histórias patéticas das desventuras do meu relacionamento.

— Deixa-me adivinhar, foi por causa de outra mulher — diz Max.

— Max! — arqueja Michelle, dando-lhe uma palmada no ombro.

— Como é que sabes que não é outro homem? — retruco.

— Porra! Ele tem outro homem?

— MAX! — gritam todos os que estão à mesa, e David atira-lhe um guardanapo.

O mesmo Max de sempre, está constantemente na brincadeira.

— A Nell não tem de nos contar os motivos — diz Michelle, franzindo a testa para o marido. A Michelle pode ter só um metro e meio, mas herdou um feroso temperamento latino da sua pequena avó siciliana que pode ser terrível. O Max parece convenientemente arrependido.

— Está bem, não é nada de especial — minto, tentando minimizar a questão. — Foi apenas uma questão de tremeliques.

— Na Califórnia? — pergunta Holly.

Aquilo faz-me sorrir, embora por dentro me sinta miserável.

— Bem, ele é um idiota chapado por te deixar ir embora — disse Max, lealmente.

— A perda dele é o nosso ganho — acrescenta Fiona, apertando-me a mão ligeiramente. — Tenho a certeza que a Izzy vai ficar encantada por ver a madrinha mais vezes.

— O Freddy também — diz a Michelle —, desde que não te importes de ficar congelada à beira de um campo de futebol. Ele é obcecado.

— Mal posso esperar — respondo com um sorriso.

— Ele não é *obcecado*, é talentoso — corrige Max —, como o pai. Sabem que eu podia ter sido jogador profissional se não fosse pela minha lesão no joelho...

— Ahhh, Max, não! Outra vez a história do joelho, não! — A mesa entra

em ebulição, e a conversa transforma-se rapidamente numa sessão de gozo ao Max pela sua insistência que poderia ter sido melhor que o Beckham se não fossem os seus joelhos problemáticos. O que, honestamente, é muito mais interessante do que a minha vida amorosa desastrosa.

Em seguida, as crianças regressam e surge um bolo de chocolate com uma vela no topo, e toda a gente canta os «Parabéns» e ataca o bolo, que é verdadeiramente delicioso. Depois disso, o David, generosamente, paga a conta antes que alguém se aperceba, e despedimo-nos enquanto eles se acomodam nos seus carros. A Fiona e o Max pedem desculpa por não me poderem dar boleia, mas não têm espaço por causa das cadeirinhas.

— Nós vamos para o outro lado, mas podemos deixar-te no metro — oferece a Holly.

— Está tudo bem, não te preocupes... tenho de queimar esta *pizza* — respondo eu com um sorriso, acenando enquanto eles se afastam com o aquecimento no máximo.

Sozinha no passeio, subitamente tudo parece muito tranquilo. Esta é outra coisa sobre estarmos sozinhas: não temos ninguém com quem conversar a caminho de casa. Ninguém com quem nos rirmos da nova barbicha do Adam, ou para relembrar aquela coisa engraçada que a Izzy disse ao empregado, ou para especular sobre o quão grande teria sido o bónus do David no ano anterior.

Ou para olhar para nós quando nos estamos a rir, com uma expressão no olhar que diz «amo-te» por nenhuma razão a não ser o facto de sermos deles.

Automaticamente pego no telefone. Não tenho mensagens.

Certo, bem, não vale a pena ficar aqui espetada a morrer de frio.

Ponho o meu lindo cachecol e uma das luvas e começo a dirigir-me para o metro.

Estou agradecida por:

- 1. Os meus amigos adoráveis.*
- 2. A escolha do restaurante, porque também pude festejar o meu aniversário com os filhos deles, dois dos quais são meus afilhados e que nunca vejo frequentemente, o que realmente foi muito divertido.*
- 3. A área de recreio (para quando se tornou um pouco divertido em DEMASIA).*
- 4. Drageias Ricola, porque me dói a garganta de tanta gritaria.*
- 5. O Arthur, que estava à minha espera ao pé da porta para me dar as boas-vindas.*

#

A Batalha do Termostato

Oh, meu Deus, ele está de volta. O meu senhorio. O guardião do termostato.

O apartamento está GELADO.

Tem estado assim desde que ele regressou na segunda-feira. Sem dúvida que esta era a forma de Edward compensar a pegada de carbono causada por ter levado de avião a Verbier uma família de quatro pessoas. Chegou tarde na segunda-feira à noite, mas eu não o vi pois já estava aconchegada na cama a ver *The Crown* na Netflix no meu portátil.

Estou apaixonada por esta série. Quando era miúda, era obcecada pela princesa Diana e pelas suas blusas de gola subida, mas agora adoro a princesa Margarida. Todo aquele saracoteio, o beber, o fumar e ter relacionamentos com homens inadequados. Assim era eu quando era mais nova. Embora agora receie ser mais parecida com a rainha. Especada de braços cruzados, com um olhar desaprovador, trajada com um casaquinho de malha e um par de sapatos confortáveis.

Enfrentando a gélida temperatura, aventurei-me a ir à cozinha preparar algo para comer. Além de ver *The Crown*, tenho passado as últimas duas semanas a disparar *e-mails* para os meus antigos contactos a perguntar (a suplicar) se têm alguma vaga. Não acredito que já estamos a meio de janeiro e eu ainda não acabei de desempacotar, nem encontrei um trabalho, nem consegui mudar a minha vida de Fracasso para Sucesso Total. Tenho mesmo de me pôr a mexer.

Estou a colocar umas fatias de pão na torradeira quando ouço a chave do meu senhorio a entrar na fechadura. O *Arthur* também ouviu e correu para a porta. Quase não nos vimos desde que ele regressou, exceto uma troca de cumprimentos quando ele saiu de manhã. Esta semana, chegou a casa tarde todos os dias, e nessa altura eu já estava na cama, mas esta noite chegou cedo.

— Olá, Penelope — cumprimenta ele com um sorriso, surgindo na cozinha com a sua bicicleta dobrável da Brompton, e o *Arthur* atrás de si. O Edward faz questão de me tratar pelo meu nome completo.

— Olá, Edward — respondo eu também com um sorriso. Tentei tratá-lo por Eddie, mas ele não aceitou.

— Como é que se está a adaptar?

— Bem — respondo educadamente. — Ainda tenho coisas para desempacotar, mas está quase... como é que foi a sua viagem?

— Excelente. O tempo estava ótimo.

Por debaixo do capacete, o seu rosto está bronzeado, tirando dois enormes círculos brancos em redor dos olhos, onde provavelmente tinham assentado os óculos de esqui. Se fosse meu amigo, gozava com ele por causa disso. Mas não é. Por isso não o faço.

— Fantástico. — Remexo-me desconfortavelmente do outro lado da ilha da cozinha.

— Faz esqui?

— Não, na verdade não. Fiz uma vez. Numa excursão da escola.

— Oh. É pena.

A conversa para e eu volto-me para a torradeira. É mesmo muito estranho, isto de partilhar casa aos quarenta anos. Aqui estamos nós, dois estranhos com as nossas próprias vidas e sem nada em comum, a não ser o facto de vivermos debaixo do mesmo teto. Agora que penso nisso, foi assim que me senti no fim do meu relacionamento.

— Isto aqui parece uma sauna, aumentou a temperatura? — Levanto os olhos e vejo o Edward a tirar o seu capacete e o casaco refletor. Os seus olhos voam para o termostato.

— Não lhe mexi — protesto, a sentir-me subitamente em modo adolescente a viver com os meus pais. O meu rosto ruboriza. Sou uma mentirosa terrível.

O seu rosto parece relaxar quando constata que o termostato ainda está na temperatura glacial, e ele continua a remover camadas de roupa até ficar em *t-shirt*. Entretanto, ali estou eu, a parecer que quero evitar pagar excesso de bagagem à easyJet, ao usar todo o conteúdo da minha mala.

O que é que se passa com os homens e com as mulheres e a sua constante discussão sobre o aquecimento central? Enquanto crescia, lembro-me de que todos os invernos o meu pai se transformava no inspetor-chefe Stevens da Polícia do Aquecimento, a policiar constantemente o termostato e a baixá-lo um grau. Para depois, quando ele ia trabalhar, a minha mãe voltar a aumentá-lo dois graus. Para trás e para diante, foi assim durante toda a minha infância.

— Acho que a sua torrada está a ficar queimada...

A voz de Edward interrompe os meus pensamentos, volto-me rapidamente e vejo uma nuvem de fumo.

— Merda! — Carrego rapidamente no botão ao mesmo tempo que o alarme de fumo começa a tocar.

— Não se preocupe, eu trato.

Acabo de tirar os restos carbonizados da torradeira e vejo o meu senhorio a abanar o alarme com um pano de cozinha e a abrir a janela.

— Obrigada. — Sorrio a pedir desculpa, e vou deitar o pão fora e começar novamente quando Edward me para.

— Eu como, adoro torradas queimadas.

— Adora?

— Quando vivíamos em França, e a Sophie estava grávida dos gémeos, era viciada nelas, estava sempre a fazê-las para ela.

Senti-me a amolecer. Estão a ver? Ele é mesmo um homem simpático. Ele não quer matar a sua inquilina de hipotermia.

— Viveu em França?

— Sim, a Sophie é francesa; foi onde nos conhecemos. Viemos para cá quando os rapazes começaram a escola.

— Que idade é que os gémeos têm agora?

— Quinze... quase vinte e cinco. — Ele sorri, os dentes enegrecidos por causa da torrada queimada. — Já não são os meus meninos.

— Deve sentir a falta deles durante a semana.

— Sim. — Ele assente e depois encolhe os ombros. — Embora não tenha a certeza que eles sintam a minha falta. O mais provável é estarem demasiado ocupados com as cabeças enterradas nos telefones para repararem que não estou lá.

Por um momento, sinto pena dele. Empoleirado no banco da cozinha, a comer a minha torrada queimada. Para ele, também não deve ser nada divertido. Vir para casa de bicicleta, ao fim de um longo dia de trabalho, e encontrar uma estranha na sua cozinha a fazer disparar o alarme de incêndio.

Um vento gelado entra pela janela aberta e eu estremeço. Na verdade, é melhor esquecer a torrada, tenho demasiado frio.

— Bem, tenha uma boa noite... — Ponho o pão novamente no frigorífico e tiro duas latas de *gin* tónico (comprei bastantes), depois volto rapidamente para o andar de cima. Vou passar o resto da noite quentinha debaixo do meu edredão, a beber *gin* e a imaginar que sou a princesa Margarida.

Estou agradecida por:

- 1. As compras da Amazon com apenas um clique, porque os meus dedos parecem blocos de gelo.*
- 2. O meu novo cobertor elétrico.*
- 3. Gin e a princesa Margarida (por nenhuma ordem específica).*

#

Para: Caroline Robinson — Publicações Shawpoint
Assunto: Projetos editoriais

Cara Caroline,

Espero que este *e-mail* te encontre bem! Já há algum tempo que não falamos uma vez que estive a viver e a trabalhar na América, mas agora estou de volta a Londres e procuro projetos novos e estimulantes. Como sabes, do tempo que trabalhámos juntas, tenho uma grande variedade de competências e bastante experiência na função de editora, e gostaria de ter a oportunidade de as pôr ao serviço da tua editora. Também tenho algumas ideias interessantes que gostaria de discutir contigo. Diz-me qual é a altura mais conveniente para te ligar, ou talvez possamos tomar um café para pormos a conversa em dia?

Fico à espera de ter notícias tuas.

Cumprimentos

Penelope Stevens

Para: Penelope Stevens
Resposta Automática: Projetos Editoriais

Caroline Robinson-Fletcher está ausente de momento, em licença de maternidade.